

## Da Tragédia da Dependência ao Amor Maduro

A condição de possibilidade para a estruturação do psiquismo sob a forma pobre / patológica (fuga à experiência – futilidade, engodo, mesmidade) ou saudável (criatividade, autenticidade) pode passar pelo contacto ou pela negação da experiência de desamparo e vazio primordial.

Neste sentido, abordamos os relações com contornos pré-genitais sado-masoquistas, uma forma de paixão exacerbada que tende a negar defensivamente essa experiência de desamparo estrutural pelo excesso e a intensidade emocional e pelo aprisionamento relacional. Pelo contrário no Amor-Maduro exerce-se uma actividade humana em que a carências e a incompletude não paralizam o indivíduo mas antes o levam à procura do Outro, pela falta estrutural assumida.

### 1. Introdução: Sobre a Origem da Ansiedade

*“O afecto de ansiedade ocupa uma posição sui generis na economia da mente”*  
*Inibição, Sintoma e Angústia*  
Freud

Na fase inicial do seu trabalho, Freud explicava a origem da ansiedade pelo “princípio de constância”, princípio esse que determinava uma tendência intrínseca ao sistema nervoso para reduzir, ou pelo menos manter constante, o grau de excitação dos organismos (Freud, 1894). Segundo Freud a ansiedade era um afecto com um carácter muito acentuado de desprazer, mas diferenciado de outros afectos como o luto e a dor, uma vez que este afecto procurava a todo o custo uma descarga de excitação acumulada. Foi a partir da observação dos seus casos clínicos que percebeu que as neuroses de angústia tinham sempre uma associação com a impossibilidade de descarga da tensão sexual, concluindo que era a excitação sexual acumulada que se transformava em ansiedade e considerando este processo puramente físico. Mas este ponto de vista geral puramente fisiológico deixa de ser sustentável quando Freud começa a tomar consciência da presença de um “factor histórico que une firmemente as sensações de ansiedade e suas enervações” (Freud, 1925).

#### 1.1 A Mudança do Paradigma em “INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA” (1925)

*“Acreditei que mexera em um processo metapsicológico de transformação directa da libido em ansiedade. Agora não posso mais manter esse ponto de vista.”*  
*Inibição, Sintoma e Angústia*  
Freud

Para Freud (1925), a origem da ansiedade nas fobias ou neuroses obsessivas levantava um problema que já não permitia sustentar a sua posição inicial pois não era possível excluir a presença de factos psicológicos. Nestes casos a razão do acúmulo de excitação não descarregada era psicológica: a repressão. No texto *“Inibição, Sintoma e Angústia”* (1925) Freud desiste da teoria que sustentara, por tanto tempo, deixando de considerar a ansiedade como libido transformada, passando a pensá-la como uma **reacção a situações de perigo** e na origem dos traumas. Freud passa a enfatizar que os perigos internos detectados pelo ego, e dependendo da sua maturidade, possuem uma característica comum: uma **separação ou perda de um objecto amado, ou uma perda do seu amor numa fase de imaturidade do ego** despoletavam um acúmulo de excitação - pelos desejos insatisfeitos - conduzindo a um sentimento de desamparo desestruturante. Assim, sem a ajuda do objecto cuidador o bebe não conseguiria alcançar a satisfação das suas necessidades e isso desencadearia, então, uma situação traumática.

*“... podemos legitimamente apegar-nos com firmeza à ideia de que o ego é a sede real da ansiedade, e abandonar nosso ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido é automaticamente transformada em ansiedade.”*  
*Inibição, Sintoma e Angústia*  
Freud

JAN 12

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA  
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Freud passa, então, a considerar que **na origem da ansiedade** se encontra numa situação traumática, vivida numa **experiência primordial de desamparo**, em que o **ego terá tido muitas dificuldades em lidar, com acúmulo de excitação devido à sua imaturidade**. Desta forma a ansiedade era um sinal, que daria conta de um perigo detectado pelo ego, de uma experiência semelhante à situação primordial de desamparo. A ansiedade funcionaria como expressão de um sentimento de desorientação infantil ou um estado em que o ego não se sentiria capaz de lidar com uma experiência conjunta de emergência de uma representação mental (de uma pessoa, ideia ou coisa) e a ameaça à integridade do indivíduo que esta desencadearia. A ansiedade como reacção a uma situação de perigo impulsionaria o ego a evitar novas situações semelhantes e a formação de sintomas criaria uma barreira protectora relativamente à perda de objecto, com o objectivo de defender a sua integridade e promover a manutenção dos objectos dos quais depende (internos e externos). Neste sentido, a formulação da problemática da origem ansiedade levaria Freud à questão da perda do objecto: "A razão por que a criança de colo deseja perceber a presença da sua mãe é somente porque ela já sabe por experiência que esta satisfaz todas as suas necessidades sem delongas. A situação, portanto, que ela considera como um 'perigo' e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma crescente tensão devida à necessidade, contra a qual ela é inerte. (...) É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de ansiedade, antes que a temida situação económica se estabeleça." (Freud, 1925). Freud encontraria na situação originária de desamparo humano a emergência da dependência do Outro. Assim vista, a angústia do desamparo seria a angústia fundamental da condição humana e paradigmática no que diz respeito ao desenvolvimento da subjectividade e das relações de objecto.

## 2. Da Tragédia da Dependência ao Amor Maduro

Partindo destas considerações do artigo "INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA" de Freud (1925) propomos desenvolver uma reflexão sobre a articulação entre a origem mais arcaica da ansiedade em que o perigo de desamparo psíquico é equivalente ao perigo de vida e o perigo da

perda de objecto está relacionado com as problemáticas da dependência humana, na sua vertente patológica e sadia.

### 2.1 A dependência fundamental

*"Quando Édipo responde ao pressuposto enigma...representa em negativo ou pelo negativo o grande problema do homem – a enorme dependência infantil (não anda na primeira infância, nem sequer fala – é um desvalido infante)."*  
Coimbra de Matos

Na fase da dependência absoluta a mãe desenvolve a preocupação materna primária (Winnicott, 1971). Esse estado especial da mãe, de regressão temporária, faz com que ela seja capaz de desenvolver uma sintonia muito subtil com o seu bebé, compreendendo-o por meio de uma capacidade de identificação e constituindo com ele uma unidade, auxiliando-o a se integrar.

Nesta fase, se a mãe não é capaz de se ligar e sintonizar com o seu bebe deixá-lo-á num estado de não-integração ou apenas um corpo com partes soltas. **Falhas primitivas desta ordem podem levar ao sentimento de vazio e vivências de caos ou de não-existência**. Mas ainda que à primeira vista pareça paradoxal, um excesso de frustração – porque reduz a gratificação necessária e estimulante – **provoca maior dependência** (Coimbra, 2003). Assim o medo da separação da criança caminha lado a lado com o sentimento de desamparo. Uma criança privada da satisfação das suas necessidades desenvolve um quadro de carência, tornando-se cada vez mais exigente e revoltada, vendo deteriorada a sua capacidade de desenvolver de forma saudável as relações de objecto.

#### 2.1. A dependência trágica – características patológicas da dependência

*"O cego, para não passar pela angústia de arrastar-se de um assento ao outro, com a alavanca da caixa de velocidades e o volante a atrapalhá-lo, teve de sair primeiro. Desamparado, no meio da rua, sentindo que o chão lhe fugia debaixo dos pés, tentou conter a aflição que lhe subia pela garganta."*

**Ensaio sobre a Cegueira**  
José Saramago

As atitudes de incorporação e identificação indiferenciada com o objecto, da etapa da dependência infantil (Fairbairn, 1941, cit. Por Celes, L., Alves, K. & Santos' A., 2008), promovem

JAN 12

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA  
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

uma união inicial simbiótica entre a mãe e o feto. São dois e, contudo, um. Vivem “juntos” (sym-biosis) e necessitam um do outro, pois o feto é parte da mãe, recebe dela tudo de que necessita e a mãe sente a própria vida dela acrescida por ele (Fromm, 1956). Após o nascimento, apesar dos dois corpos se terem separado e existirem independentes, a ligação simbiótica prossegue psicologicamente. É a natureza da relação simbiótica que leva a que a perda ou o afastamento em excesso do objecto cuidador, que não responde aos apelos da criança, seja acompanhado pelo sentimento de aniquilação do ego (esquizoidia) lançando o bebé na *lama da não-existência* e num excesso de vivências de não-integração, que corrompem a saúde mental e comprometem a qualidade das futuras relações de objecto.

#### *O Aprisionamento Relacional – os Contornos Sádicos e Masoquistas*

Para lidar com esta ansiedade primeva o indivíduo pode assumir uma forma passiva ou activa da união simbiótica. A forma passiva corresponde à submissão, ou, se usarmos o termo clínico, ao masoquismo. O indivíduo nesta condição foge ao insuportável sentimento de isolamento e de separação tornando-se parte do Outro, que considera que o guia e protege, assumindo que este detém a fonte da sua vida e o oxigénio de que precisa, passando a considerá-lo um objecto de adoração (um ídolo) (Fromm, 1956). Uma relação *masoquista* leva à instrumentalização de si próprio. A pessoa deixa tomar decisões e de assumir riscos inerentes à sua própria vida, numa dependência trágica do olhar do outro, perdendo-se a sua existência. As estratégias enganadoras para não lidar com o seu vazio e desamparo limitam a sua consciência, levando a uma distorção da perspectiva sobre a relação, construída para a sobrevivência, evitando expressões de raiva, sustentando idealizações e negando sentimentos negativos e destrutivos que possam estar subjacentes. Para manter vínculos, por vezes indiscriminados, desenvolve extraordinários auto-sacrifícios pelo enorme medo de ficar sozinho, podendo chegar a níveis extremos de negação da individualidade e de subordinação dos próprios desejos ao Outro.

No entanto, o indivíduo que viveu a **experiência traumática de desamparo**, e que espera do encontro com o Outro formas extremas de relação, oscila entre a total prisão masoquista,

onde só ele mesmo depende, e a total liberdade com contornos sádicos, onde só o outro depende, como barreira contra a queda na dependência trágica e absoluta do Outro. Querendo escapar à solidão, mas também ao encarceramento, faz do Outro uma parte de si. Aprisiona totalmente o Outro, mas evita sempre o contacto com a intimidade, não só denegando a sua dependência afectiva como a existência e o desejo do Outro como ser autónomo: “Ele enche-se de importância e faz-se realçar incorporando outra pessoa, alguém que o adore.” (Fromm, 1956).

#### *A Agressividade e o Narcisismo de Morte*

*“O alto grau de valor narcísico que o pénis possui pode valer-se do fato de que o órgão é uma garantia para seu possuidor de que este pode ficar mais uma vez unido à mãe - isto é, a um substituto dela - no ato da copulação.”*  
*Inibição, Sintoma e Angústia*  
*Freud*

Numa busca compulsiva trágica por uma dependência, que por ser uma busca de fusão sem integridade, o declínio pelo narcisismo de morte – onde a pulsão agressiva domina – pode transformar a união pela cópula e o valor narcísico do pénis no equivalente ao um poder fálico e desintegrativo sobre o outro, de forma activa, ou sobre si próprio, na forma passiva. A paixão serve para o preenchimento pela excitação, em substituição do amor.

No narcisismo de morte a objectualização do Outro, ou de Si mesmo, serve o preenchimento do vazio por uma super-compensação do desejo auto-erótico, com elevada intensidade emocional (voracidade de amor e de sentir), em que a impossibilidade da perda pode levar ao ciúme excessivo, traições, conflitos, sem que no entanto, ocorra a verdadeira experiência de intimidade, que é constantemente denegada, assim como a existência do desejo de reparação narcísica pelo amor. A relação de objecto com contornos de dependência patológica tem elevados níveis de agressividade pois não só o indivíduo, e mesmo que o denegue, está agrilhado ao Outro como está, também, encarcerado em Si mesmo, manifestando por isso, muitas vezes, a sensação de estar num beco sem saída, às voltas num mesmo lugar, sufocado. Isto porque, se por um lado, a fantasia auto-erótica (preenchimento do seu vazio de amor primevo) o move na busca das emoções que o Outro lhe proporciona, por outro

JAN 12

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA  
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

esta fantasia também o obriga a manter-se fechado *num castelo defensivo, protegido por espessas paredes, armaduras e fosso*, pelo elevado risco que o desejo de fusão significa para a sua própria desintegração.

#### *O Paradoxo*

Podemos considerar que o dependente trágico vive de paixões e de afectos violentos, padecendo de um efeito de ansiedade voraz, que o move compulsivamente no sentido de preencher um vazio primordial. O dependente trágico é um prisioneiro do *Amor*, pois o desejo de preenchimento das suas carências e da sua incompletude é tão grande que se torna impossível de realizar pela própria voracidade e agressividade que alberga. Paradoxalmente é por tanto desejar o *Amor* que o dependente trágico o torna impossível.

#### *O Mito do Amor Romântico: entre a simbiose e a melancolia*

Uma última referência aos aspectos da dependência, na sua vertente patológica, diz respeito à ampliação da importância do perigo de perder o objecto, fomentada socio-culturalmente. Esta vertente sustenta que uma relação deve ser mantida a todo o custo por razões extrínsecas aos indivíduos (como o estatuto, a opinião social, preconceitos, questões económicas, etc). Neste sentido, a cultura ocidental e a centralidade do mito do amor romântico têm aqui um papel especial ao eternizarem uma posição narcísica e infantil em relação ao amor. Com efeito o mito do amor romântico diz-nos que para cada rapaz no mundo há uma rapariga que *foi feita para ele* e vice-versa, perpetuando, desta forma, uma escolha narcísica de objecto, em que o indivíduo faz uma escolha com base numa identificação projectiva com aspectos melancólicos, pois ainda não se desfez do objecto primário do qual sentiu a perda do amor (Freud, 1914). Ao idealizar excessivamente o amor e os objectos de amor, o mito do romantismo facilita a promoção da ideia de que o amor é algo que devemos alcançar idealmente por meio de um sentimento, por um lado desresponsabilizando os indivíduos do investimento e do trabalho contínuo que uma relação de amor pode envolver, e por outro fomentando a manutenção rígida e inautêntica das relações, apenas por razões de interesse social e cultural.

### **3. Então o que é o Amor?**

*“Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar - pois vinho ainda não havia - penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor.”*

#### **O Banquete Platão**

A união com outros seres é fundamental para o indivíduo ultrapassar a aleatoriedade, a solidão e a incompletude da existência, sendo o amor a maior ligação construtiva que se pode fazer. Desenvolver um sentimento de ligação em relação a si e aos outros, mantendo a integridade do *self* e permitindo também a separação, contrapõe-se ao enclausuramento narcísico e a uma dependência imatura. Só superando a onipotência e as falhas infantis, em que os objectos são maioritariamente utilizados como meio de satisfação de necessidades e carências, é que ocorre o desenvolvimento do amor maduro. A “Pobreza” da citação de “O Banquete” poderia ser interpretada como esse desamparo, esse vazio, ou solidão radical de que no fundo todo o homem parte, de uma forma maior ou menor, mas também como condição de possibilidade para o nascimento do desejo que move em direcção ao Outro, o “Recurso”, concebendo o “Amor”.

#### **3.1. Amor é uma actividade**

Em contraste com a união simbiótica, o amor amadurecido é união sob a condição de preservar a integridade própria e a individualidade. O amor é uma combinação do interesse pelo crescimento do outro e também pelo narcisismo de vida. Nesta combinação, o amor é uma acção, não simplesmente um sentimento. O amor é uma força activa no homem que o leva a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, ou seja a sua integridade. Desta forma o amor é uma actividade significando isto que se dirige a um alvo exterior a ser alcançado (Fromm, 1956), mas vivido de forma a respeitar a separação, a integridade e permitindo não o empobrecimento mas antes o enriquecimento emocional, do pensamento, da acção, da vida dos envolvidos.

JAN 12

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA  
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

#### **4. Conclusão: A dependência-madura**

*“Primeiro nasceu o Caos ... e só depois Terra de  
largos seios, de tudo assento sempre certo, e  
Amor...”*

#### **O Banquete**

#### **Platão**

As carências e a incompletude humana levam à procura do Outro. A falta ao desejo do objecto. O amor é um sentimento de apego que nasce e cresce de um investimento extraordinário. Na dependência madura, última fase do desenvolvimento das relações de objecto (Fairbairn, 1941, cit. Por Celes, L., Alves, K. & Santos' A., 2008), há possibilidade de relações menos dependentes do objecto e uma maior autonomia. É nesta fase que o indivíduo se permite estabelecer uma relação de amor em que as frustrações são sustentáveis e vividas como parte de uma relação madura e completa, desenvolvida a partir do apego a um objecto que o indivíduo ama e que também se deixa amar. Só a permanência numa relação de dependência-madura (Fairbairn, 1941, cit. Por Celes, L., Alves, K. & Santos' A., 2008) viabiliza a construção de um *self* integrado, criativo e vivo. Uma situação de equilíbrio em que duas partes estão envolvidas em que ambos descobrem diferenças entre si, e não como *metades da mesma laranja*, mas antes podendo aceitar as mesmas dentro de conjunto que é a relação, compartilhando alegrias, tensões e desafios com criatividade.

#### *Bibliografia:*

Celes, L., Alves, K. & Santos' A. (2008). Uma concepção psicanalítica de personalidade: teoria das relações objetais de Fairbairn' *Psicol. estud.* vol. 13 no.1

Coimbra, A. (2003) *Mais Amor, Menos Doença*. Climepsi. Lisboa.

Dias, Carlos Amaral (2000). *Freud para além de Freud*. Fim de Século. Lisboa

Freud, S. (1894) *AS NEUROPSICOSES DE DEFESA*. Primeiras Publicações Psicanalíticas VOLUME III (1893-1899).

<http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>

Freud, S. (1925) *INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE*. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. VOLUME XX. (1925-1926)

<http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>

Freud, S. (1914-1916). *LUTO E MELANCOLIA*. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. VOLUME XIV. (1917[1915])

<http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>

Fromm, E. (1956). *A Arte de Amar*. Editora Pergaminho. Cascais.

Platão (380 a.C.). *O Banquete*. Edições 70 (2010). Lisboa

Saramago, J. (2001) *Ensaio sobre a Cegueira*. Editora Caminho. Alfragide.

Winnicott, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Imago. Rio de Janeiro